

VERISSIMO

SEGUNDA-FEIRA
LÚCIA GUIMARÃESTERÇA-FEIRA
ARNALDO JABORQUARTA-FEIRA
ROBERTO DAMATTAQUINTA-FEIRA
LUIS FERNANDO
VERISSIMOSEXTA-FEIRA
IGNÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO
MILTON HATUUMSÁBADO
LAURA GREENHALGH
MARCELO RUBENS
PAIVA
SÉRGIO AUGUSTODOMINGO
VERISSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO
HUMBERTO WERNECK
FÁBIO PORCHAT

Ciúmes

Lilian desconfiou que Artur iria deixá-la. Que seu amor por ela estava acabando. O Artur nem a chamava mais de Lili! Lilian decidiu que a solução era provocar ciúmes em Artur. Como?

Comprou um buquê de flores, escreveu num cartãozinho “Lilian: me diga quando...”, assinou – depois de pensar muito num bom nome para amante – “Renê” e mandou entregarem o buquê com o cartãozinho no seu próprio endereço.

Deu certo. Foi o Arthur quem recebeu as flores na porta. Disse:

– Flores para você.
Lilian, fingindo surpresa:
– Flores? Para mim?
– E um cartãozinho.
– Um cartãozinho?
– Posso abrir?
– Não! Deixa que eu...
Mas Artur já estava lendo o cartãozinho.
– Muito bem. Quem é Renê?
– Renê?
– “Lilian, diga quando”. Assinado, Renê.
– Eu não tenho a menor...
– “Diga quando” o quê? Hein? Hein? E quem é esse Renê?
– Eu...
O tapa foi tão forte que Lilian caiu de costas no sofá. Quando se ergueu, estava sorrindo. O Artur sen-

tia ciúmes. O Artur ainda a amava, afinal. O Artur ainda a amava! Paft. Novo tapa.

Do sofá, eufórica, Lilian gritou:
– É uma brincadeira! Fui eu que mandei as flores. Fui eu que escrevi o...

Não pode terminar porque o Artur começou a sufocá-la com uma almofada do sofá.

É preciso explicar que Lilian não só vivia com Artur há apenas seis meses, tempo insuficiente para se conhecer uma pessoa, como não entendia a raça dos homens. Homem não tem ciúmes porque ama. Ciúmes não é uma questão entre o homem e a pessoa que ama. Ou é, mas a pessoa que ele ama é ele mesmo. Ciúmes é sempre entre o homem e ele mesmo.

– Quem é esse Renê? Hein? Hein?
Súbito, o Artur parou de sufocá-la com a almofada. Levantou-se.

Tinha se dado conta de uma coisa. Disse:

– Eu sei quem é esse Renê. Eu conheço esse Renê!

A Lilian ainda tentou chamá-lo de volta.

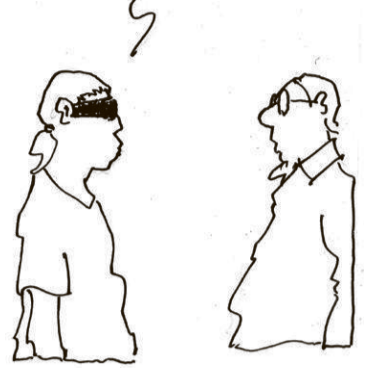
– Não existe nenhum Renê! Fui eu que inventei!

Mas o Artur já tinha saído de casa, depois de passar no quarto e pegar o revólver da gaveta da mesinha de cabeceira.

Família Brasil

FÉRIAS. SEU BOCA?!
O SENHOR QUER TIRAR
FÉRIAS?!QUEM NÃO TRABALHA
NÃO TEM DIREITO
A FÉRIAS

PÔ. DISCRIMINAÇÃO!



Lilian passou o resto do dia rondando pela casa, nervosíssima. Quando ouviu o ruído da chave na fechadura, correu para a porta. O Artur entrou sem olhar para ela.

– Onde você estava? O que aconteceu?

– Artur não respondeu. Foi para o quarto trocar de roupa. Lilian foi atrás. Havia respingo de sangue na camisa do Artur. O tiro fora de perto. Ele não trouxera o revólver de volta. Provavelmente, o jogara em algum matagal. Lilian:

– O Renê do cartãozinho...

Artur tapou a sua boca com a mão. Disse:

– Não se fala mais nesse nome nesta

casa. Nunca mais. Está ouvindo?

E depois:
– Esse aprendeu a não se meter com a mulher dos outros.

Naquela noite, nenhum dos dois dormiu. Lilian pensando “Renê, Renê... Quem é que eu conheço com esse nome? Quem é esse Renê, meu Deus? Ou quem era”.

De madrugada, amaram-se loucamente. O Artur dizendo:

– Viu o que eu faço por você? Viu?

Era a primeira vez que se amavam assim em pelo menos três meses. Ele até a chamou outra vez de Lili.

Durante dias, Lilian procurou nos jornais uma notícia sobre a morte de Renê. Nada no noticiário policial. Nenhum registro de desaparecimento. Nada nos avisos fúnebres. Quem seria aquele Renê? No fim de mais seis meses, Artur anunciou que iria deixar Lilian.

– Não vai não – disse Lilian.

E acrescentou que, no momento em que ele saísse pela porta, ela telefonaria para a polícia. A polícia gostaria de saber do fim de um certo Renê...

– Você faria isso, Lili?
– Experimentar.
Artur ficou.

Fotografia Livros

Santos ganha um livro de Araquém Alcântara, cuja carreira começou no cais da cidade

Antonio Gonçalves Filho

Comemorando 40 anos de profissão, o fotógrafo Araquém Alcântara lança simultaneamente dois livros, *Santos*, sobre a cidade onde passou a infância e a juventude, e um outro que traz seu nome no título, primeiro volume da Coleção Ipsis de Fotografia Brasileira, ambos com fotografias em preto e branco. O segundo é uma síntese da carreira desse que é considerado um dos maiores fotógrafos de natureza do País. Nele estão contidas algumas imagens igualmente selecionadas para o livro *Santos*, mas em dimensões menores (14 x 16 cm).

Santos não é um livro para turistas. Vale dizer, não é uma declaração ufanista, mas um balanço amoroso e crítico de um fotógrafo que começou sua carreira registrando a imagem de despossuídos e marginalizados. Por isso mesmo, a região privilegiada pelas lentes do fotógrafo não é a orla da praia, mas o centro da cidade, dominado pela atmosfera melancólica do porto – e nunca é demais lembrar, como evoca Araquém, que a cidade começou a nascer no cais do Valongo, onde um vapor britânico marcou a primeira operação intercontinental, em 1892.

A primeira exposição indivi-



FOTOS DIVULGAÇÃO

Bolsa de Café. Prédio de 1922 representou a riqueza do município

QUEM É

ARAQUÉM ALCÂNTARA
FOTÓGRAFO

* Nascido em Florianópolis há 62 anos, ele começou sua carreira como fotógrafo da sucursal do 'Estado' em Santos. Já publicou mais de 40 livros, sendo *Terra Brasil* o livro de fotografia brasileiro mais vendido de todos os tempos (mais de 100 mil exemplares vendidos). Precursor da fotografia ecológica no País, Alcântara acumulou diversos prêmios internacionais em seus 40 anos de carreira.

A beleza no porto

dual do fotógrafo usava a imagem de urubus de uma maneira um tanto alegórica, aproximando os abutres dos seres segregados de forma escancarada pela sociedade. Em 1973, sufocada pela ditadura, a santista, que havia sido no passado uma sociedade culta e politizada, tentava

se vingar da truculência do regime humilhando os proscritos. “Sempre tive esse lado de produzir material combativo, mostrando esse tipo de horror”, atesta o fotógrafo que, no livro, troca a imagem de alegres turistas circulando pelos jardins da praia pelo trabalho escravo de

estivadores que, nos anos 1970, disputavam para carregar sacas de café nas costas.

Há, é claro, a imagem do passado monumental de uma cidade que não era só o mítico porto de marinheiros tatuados e prostitutas, mas uma celebração da riqueza burguesa, tradu-

zida nos prédios do centro. “Cheguei na cidade com seis anos e fiquei impressionado com o tamanho dos navios que aportavam em Santos, além da beleza dos edifícios da rua do Comércio, hoje em ruínas”. Felizmente, ela começa a dar sinais de revitalização, como mostra uma foto feita este ano na Casa da Frontaria Azulejada, construída em 1865 e finalmente restaurada.

Para o livro da Coleção Ipsis de Fotografia Brasileira, que terá 10 volumes (dedicados a profissionais como Cristiano Mascaro e Nair Benedicto), o curador Eder Chiodetto selecionou fotos do começo da carreira de Alcântara, em Santos, mas ampliou a panorâmica desse fotógrafo peregrino que já fotografou o Brasil inteiro, inclusive as regiões mais remotas.

Coincidentemente, no livro, estão registros da tribo dos Zo'és feitos por Araquém em 2005 no rio Cuminapanema, os mesmos índios fotografados por Rogério Assis no livro *Zo'é* (leia texto abaixo) em 1989 e vinte anos depois. Além dos Zo'és, Araquém mostra no pequeno grande livro da Ipsis o retrato do genocídio indígena no Brasil, sintetizado numa imagem dramática de crianças ingaricós vestidas com trapos.



A seco. Barco em Bragança, no Pará, à espera da maré alta

As imagens históricas de uma tribo muito sofisticada

Para uma etnia sofisticada, que concebe o universo como terras e céus sobrepostos, segundo explicação da antropóloga Dominique Tilkian Gallois, o encontro dos índios da tribo Zo'é com o fotógrafo paraense Rogério Assis foi não só o começo de uma bela amizade como de um registro histórico igualmente requintado. Em 1989, Rogério se tornou o primeiro fotógrafo a ter contato com o povo Zo'é, naquela época ameaçado por uma epidemia de gripe levada por missionários.

Vinte anos depois ele voltou à

Amazônia, na região dos rios Cuminapanema, Erepecuru e Urucuriana, para visitar a Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema mantida pela Funai e registrar a iniciativa do órgão, de defender o isolamento da terra indígena. O resultado é o livro *Zo'é* (128 páginas, R\$ 70), que a Editora Terceiro Nome coloca agora nas livrarias.

Outra fotógrafa, Rosely Nakagawa, chama a atenção no livro para a difícil integração do fotógrafo ao cotidiano da tribo. Como registrar o ócio sem um olhar crítico, sendo Assis um ho-

mem urbano que, por natureza, não pode esperar? “Percebemos nessas imagens uma postura sutil, delicada, de se deixar desaparecer entre os outros para se tornar um deles”, diz ela, evocando a defesa dos ociosos pelo escritor escocês Robert Louis Stevenson, que passou pelos mares do Sul para entender como viviam os antípodas.

A primeira lição de Assis no convívio com a tribo foi aprender que não existia um cacique ou um pajé para comandar ou manipular a tribo de forma tirânica. Suas fotos mostram os Zo'



DIVULGAÇÃO

Livro. Criança Zo'é pode mamar até os 3 anos

és sempre brincando, resolvendo suas diferenças não com agressões físicas, mas na conversa. As crianças são educadas com liberdade e mamam até os três anos, sempre que desejam. Aos quatro, já podem circular livremente pelo pátio da aldeia e visitar familiares.

O livro de Assis presta particular atenção às crianças, mas cobre praticamente tudo o que interessa a um antropólogo, dos cuidados que as moças têm com suas tiaras, a obsessão pelos banhos, os cuidados na confecção de cordéis de fibra de curará e a escarificação com dente de cotia nas pernas dos rapazes. Uma bela introdução do mundo dos Zo'és. /A.G.F.